

franca disposição de uso, visitando-a com mais freqüência do que poderiam supor todos os que conhecem sua frenética e carregada agenda de compromissos.

Poeta essencialmente urbana, Lêda Maria não faz colagens dos cenários pastoris, rios, campinas e bucólicas reminiscências não vividas: prefere mexer com esta outra natureza, a humana, mais complexa, igualmente exuberante e capaz de oferecer infinitas perscrutações.

Adentra a paisagem metafísica, onde se envolve profundamente no jogo do previsível com o imponderável, apostando sempre na sensibilidade vertical, na força transcendental da paixão.

Não procura proteger-se dos desejos: alimenta-os, abraça-os, cumplicia-se com eles e vai à luta em procura de sua canaã amorosa, onde assume as iniciativas: "despi-me/olhei em redor/quis conhecer o deserto/e habituei-me às buscas".

O sensualismo, a afetividade, a provocação e o belo incluem-se no rateio espiritual que verbaliza, obtendo uma unidade agradável e frutificadora. Tudo possui sua dimensão, tudo tem cheiro e cor, tudo caminha com propósito e harmonia.

Desta argamassa Lêda constrói seu obelisco, sua coluna de Trajano, de onde observa a vida, os homens e os objetivos. Mas não fica lá, donzela encastelada: amalgama-se ao parceiro lírico, personagem permanente de sua peripécia, que sendo sedutor, impuro, imprudente e irreverente (sic), é também "competente no abraço, exigente na matéria prima (...) e potente na projeção dos caminhos," e por isto mesmo, um ser humano completo.

Os estatutos de sua poesia não se lastreiam de presunções nem se enlaameiam de rebuscamentos. Também não estimulam as construções enigmáticas: flui de seu discurso natural a verdade amorosa de sua alma, com a simplicidade de saber dizer para quem sabe ouvir (estrelas, inclusive).

É poeta, de boa cepa lírica, simples, leve, diáfana. Não concede a musa às conveniências das patrulhas estéticas. Prefere a liberdade de seu artesanato, onde avulta e se firma sua razão sensorial.

Isto posto, sugiro a leitura atenciosa destes poemas de vida, porque Lêda, a jubilosa, conhece os segredos da felicidade.

RESPIROS PELA VIDA

JOYCE CAVALCANTE

Lêda Maria é poeta? Sim. Lêda Maria é poeta. Não poeta apenas do cotidiano, usando como instrumental seu texto jornalístico, como alguns menos informados poderiam supor. Mas poeta que faz poesia de verdade, coisa sangrada, expelida gota a gota de seu dentro; palavras que se organizam em versos, versos que se compõem em poemas, poemas que se formam para nos encantar, mas que tristemente pouco atingem essa finalidade porque ela não os tem publicado muito

amiúde. Ou seja, não tem publicado nada nessa linha desde sua participação na Histórica edição da SINANTOLOGIA, livro de poemas que deu muito o que falar nos meios literários cearenses, nos anos sessenta.

Isso não quer dizer que em todo esse tempo ela não tenha produzido soberbos poemas. Tanto os produziu que me passou um bonito mostruário para que deles tomasse ciência. Pois foi desse modo premiado que li o feixe de textos chamado "ALGUNS POEMAS", de Lêda Maria Souto - escritora, jornalista. Li:

"Ligeiramente sedutor
profundamente ágil
intimamente impuro,
sensual, masculino,
imprudente, insistente, irreverente,
mas
competente no abraço.
Exigente
na matéria prima (. . .)"

. . . entre outras coisas, assim como essa acima, textos que lideram nosso coração pela via das emoções nervosas do amor. Nós, mulheres, que nunca abandonamos o mundo da lua. Lilith presente em cada respiro que damos para preservar a vida. E poemas como esses da Lêda são isso: respiros para preservar a vida.